

Evidências de validade para o teste de compreensão emocional

Isaías Peixoto^I

Monalisa Muniz^{II}

Fabiano Koich Miguel^{III}

José Maurício Haas Bueno^{IV}

Evidências de validade para o teste de compreensão emocional

RESUMO

A compreensão emocional é caracterizada como uma das facetas da Inteligência Emocional (IE). O Teste de Compreensão Emocional (TCE) foi construído a fim de avaliar este construto, e a presente pesquisa teve como objetivo buscar evidências de validade relacionadas a outras variáveis para o instrumento. As variáveis selecionadas foram: percepção da emoção (PEP), dificuldade na regulação emocional (DERS), inteligência fluida (RA e RV), sexo e idade. Foram encontradas evidências de validade para o TCE para as variáveis: sexo, na qual as mulheres tiveram melhores resultados significativos que os homens; inteligência fluida, com correlações positivas fracas e moderadas; percepção das emoções, com correlação significativa positiva; e percepção distorcida das emoções e desregulação emocional, com correlações negativas e bem próximas do nulo; contribuindo, assim, para um melhor entendimento das características sociodemográficas e emocionais relacionadas à IE.

Palavras-chave: Inteligência emocional; Compreensão emocional; Testes psicológicos; Avaliação psicológica.

Evidences of validity for the emotional understanding test

ABSTRACT

Emotional understanding is characterized as a branch of Emotional Intelligence (EI). The Emotional Understanding Test (TCE) was built to evaluate this construct and the following research was conducted to search for evidence of validity related to other variables in the instrument. The selected variables were: emotion perception (PEP), difficulty in emotion regulation (DERS), fluid intelligence (RA and RV), gender and age. Evidence of validity for the TCE was found for the variables: gender, in which

women had better results than men; fluid intelligence, with weak and moderate positive correlations; perception of emotions, with significant positive correlation; and distorted perception of emotions and emotional dysregulation, with negative correlations and close to zero. This contributes to a better understanding of the sociodemographic and emotional characteristics associated to EI.

Keywords: Emotional intelligence; Emotional understanding; Psychological tests; Psychological assessment.

Evidencias de validez para la prueba de comprensión emocional

RESUMEN

La comprensión emocional se caracteriza como una de las facetas de la Inteligencia Emocional (IE). El Test de Comprensión Emocional (TCE) fue construido con el fin de evaluar este constructo, y la presente investigación tuvo como objetivo buscar evidencias de validez relacionadas a otras variables para el instrumento. Las variables seleccionadas fueron: percepción de la emoción (PEP), dificultad en la regulación emocional (DERS), inteligencia fluida (RA y RV), sexo y edad. Fueron encontradas evidencias de validez para el TCE para las variables: sexo, las mujeres tuvieron mejores resultados que los hombres; inteligencia fluida, con correlaciones positivas débiles y moderadas; percepción de las emociones, con una correlación positiva; y percepción distorsionada de las emociones y desregulación emocional, con correlaciones negativas y muy cercanas al nulo. Contribuyendo así, para un mejor entendimiento de las características sociodemográficas y emocionales asociadas a la IE.

Palabras clave: Inteligencia emocional; Comprensión emocional; Pruebas psicológicas; Evaluación psicológica.

Introdução

O conceito Inteligência Emocional (IE), amplamente divulgado por meio da obra de Goleman (1995), foi inicialmente proposto por Salovey e Mayer (1990) envolvendo a capacidade de monitorar os sentimentos e emoções próprias e dos outros, compreender como elas surgem e utilizar essa informação para gerir o pensamento e as ações. Portanto, a IE seria um tipo de Inteligência composta por alguns recursos intelectuais relacionados ao processamento cognitivo de informações emocionais ou afetivas. Mais especificamente, a IE é composta por quatro facetas, que são: a) percepção, avaliação e expressão das emoções; b) a emoção como facilitadora do pensamento; c) a compreensão e análise de emoções e d) o gerenciamento reflexivo das emoções para promover o crescimento emocional e intelectual (Mayer, Caruso, & Salovey, 2016; Mayer & Salovey, 1997).

A percepção, avaliação e expressão das emoções referem-se à capacidade de identificar emoções acuradamente em si próprio, em outras pessoas e em objetos ou figuras, bem como a capacidade de expressar e discriminar as emoções (Salovey, Kokkonen, Lopes, & Mayer, 2004; Mayer & Salovey, 1997). Ter essa capacidade mais desenvolvida pode promover vantagens na adaptação do indivíduo ao meio, principalmente quando há necessidade de atenção às informações emocionais, pois apre-

senta maior acurácia na percepção da emoção em si e nos outros e também na expressão emocional, ante a demanda (Salovey & Mayer, 1990).

A emoção como facilitadora do pensamento é a capacidade de utilização da emoção como um sistema de alerta sobre os eventos mais importantes para o indivíduo, sejam internos ou externos, que também podem auxiliar na tomada de decisão, resolução de problemas de forma mais efetiva e melhor capacidade de raciocínio. Assim como as emoções (por exemplo, ansiedade ou medo) podem limitar a capacidade cognitiva, também podem auxiliar o sistema cognitivo para atender o que é mais relevante, facilitar o julgamento, a memória e a criatividade (Mayer et al., 2016; Mayer & Salovey, 1997; Salovey et al., 2004).

A compreensão e análise das emoções (Compreensão Emocional) dizem respeito à capacidade de compreender as emoções, tanto as mais simples como as mais complexas, às relações entre as várias emoções, suas causas e consequências, sentimentos contraditórios (como amar e odiar uma mesma pessoa) e às transições entre as emoções (Mayer et al., 2016; Mayer & Salovey, 1997; Salovey et al., 2004). Essa capacidade também é necessária para a adaptação, uma vez que, desde criança, o ser humano aprende a reconhecer e nomear emoções e a reconhecer relações de proximidade e de intensidade das emoções (por exemplo, a proximidade de gostar e amar, a diferença entre tristeza e alegria). Tal compreensão auxilia nas relações interpessoais, uma vez que o indivíduo percebe não apenas o sentimento próprio e do outro, mas também de qual se trata. Essa capacidade potencializa as chances de o indivíduo se comportar da maneira mais adequada à emoção do momento (Mayer et al., 2008; Mayer et al., 2016; Mayer & Salovey, 1997).

O gerenciamento reflexivo das emoções para promover o crescimento emocional e intelectual refere-se à capacidade de controlar e regular as reações emocionais, monitorar, refletir e gerir as emoções (em si mesmo e nos outros). A gestão emocional permite tolerar as vivências sentimentais mais acentuadas e desenvolver estratégias para a modificação, manutenção, intensificação ou redução dessas emoções, a depender da situação e dos objetivos da pessoa. Além disso, essa habilidade também inclui a disponibilidade para vivenciar as emoções, independentemente de serem prazerosas ou não (Mayer et al., 2016; Mayer & Salovey, 1997; Mayer et al., 2008).

Com o surgimento da IE muitas críticas foram levantadas sobre a existência do construto, que indagavam se ela realmente era um tipo de inteligência e não somente uma nova denominação que englobava construtos consolidados da personalidade (Brackett & Mayer, 2003; Cobêro, Primi, & Muniz, 2006; Muniz & Primi, 2008; Roberts, Zeidner, & Matthews, 2001; Roberts, Florez-Mendonza, & Nascimento, 2002; Primi, Bueno, & Muniz, 2006). Impulsionados por essas críticas, pesquisadores puseram-se a investigar a independência da IE de outros construtos, como personalidade e inteligência, apresentando sua relação significativa e positiva com outros tipos de raciocínio (Bueno & Primi, 2003; Cobêro et al., 2006; Curci, Lanciano, Soleti, Zammuner, & Salovey, 2013; Di Fabio & Saklofske, 2014; Gil-Olarte Marquez, Palomera Martin, & Brackett, 2006; Jesus Jr. & Noronha, 2007; MacCann, Joseph, Newman, & Roberts, 2014; Miguel, Ogaki, Inaba, & Ribeiro, 2013; Primi et al., 2006; Rivers, Brackett, & Salovey, 2008), aumento com a idade, principalmente entre as faixas que correspondem a infância, adolescência e adultos jovens (Gonzaga & Monteiro, 2011; Moreira, Abreu, & Rique Neto, 2012; Oliveira, Huss, Zuanazzi, & Miguel, 2015) e diferenças entre os sexos (Bueno, Santana, Zerbini, & Ramalho, 2006; Perdomo, Pérez-Olmos, & Pinilla, 2011; Petrides, Furnham, & Martin, 2004).

Embora as diferenças entre os sexos não sejam critérios para se considerar ou não um novo tipo de inteligência, alguns estudos mostram diferenças, como, por exemplo, para a capacidade viso-espacial e inteligência fluida (Noronha, Barros, & Nunes, 2009; Rueda & Muniz, 2012). No caso da IE, as pesquisas, entre elas as citadas

anteriormente, apontam que as mulheres apresentam em média essa capacidade mais desenvolvida. Em paralelo às convergências com outras medidas de inteligência, também foram realizados trabalhos que identificaram a discriminação entre IE e medidas de personalidade, apresentando em sua maioria correlações próximas de nulo e não significativas (Caruso, Mayer, & Salovey, 2002; Cobrero et al., 2006; Dantas & Noronha, 2006; Muniz & Primi, 2008; O'Connor Jr. & Little, 2003).

Um ponto importante para que as pesquisas sejam realizadas de forma adequada é a existência de bons instrumentos que mensurem este construto. No Brasil, nenhum teste de IE está disponível para utilização de profissionais psicólogos até o momento. Alguns são ou foram utilizados apenas em pesquisas, como: o *Mayer-Salovey-Caruso Emotional Intelligence Test* (Mayer, Salovey, & Caruso, 2002), composto por 141 itens, distribuídos em oito sessões, sendo duas para cada faceta; o teste Medida de Inteligência Emocional (MIE), de Siqueira, Barbosa e Alves (1999), que consiste num instrumento de autorrelato com 59 itens a serem respondidos por meio de uma escala de quatro pontos (de nunca a sempre), avaliando cinco dimensões fatoriais (sociabilidade, automotivação, empatia, autocontrole e autoconsciência); o Inventário Schutte de Autorrelato (*The Schutte Self-Report Inventory – SSRI*) (Schutte et al., 1998), que avalia a percepção e o uso das emoções, gerenciamento das próprias emoções e dos outros; o Inventário de Quociente Emocional (*Bar-On Emotional Intelligence Inventory – EQ-i*) (Bar-on, 1997), que é composto por 133 itens, por meio dos quais o sujeito indica se o conjunto de afirmações (feitas na primeira pessoa do singular) descreve seu comportamento habitual, buscando avaliar as habilidades intrapessoal e interpessoal, adaptação, gerenciamento de estresse e humor geral; a Escala de Traço de Meta-Humor (*The Trait Meta-Mood Scale – TMMS*) desenvolvida por Salovey et al. (1995), que avalia três aspectos da competência emocional: reparação da emoção, atenção e clareza emocional; o Teste de Inteligência Emocional para Crianças (TIEC) (Bueno, 2008), que avalia as quatro facetas da IE por meio do desempenho de crianças em tarefas cujos estímulos são apresentados em formato de histórias e os problemas na forma de 58 perguntas sobre os eventos narrados; e o Teste Informatizado de Percepção de Emoções (PEP) (Miguel & Primi, 2014a), que se propõe a avaliar apenas a faceta de percepção emocional, sendo composto por 38 itens com vídeos de pessoas expressando diversas emoções.

Destes testes, somente o PEP, TIEC e o MIE foram construídos para a população brasileira, sendo os demais traduções do inglês. Além disso, MIE, TMMS, Bar-On e SSRI não foram construídos com base na perspectiva de IE de Mayer e Salovey citada anteriormente e são testes de autorrelato, no qual os dados e informações levantadas são frutos da opinião do sujeito sobre si próprio. Esse tipo de mensuração pode não ser a mais indicada para avaliar IE (Brackett, Rivers, & Shiffman, 2006; Mayer et al., 2016), pois, sendo a inteligência uma capacidade cognitiva, deve ser medida com instrumentos que busquem comprovar a capacidade do sujeito por meio de exercícios de desempenho (Bueno, 2008; Mayer et al., 2016; Woyciekoski & Hutz, 2009), como é o caso do MSCEIT e do PEP. Diante desta carência, são necessários o estudo e a elaboração de novos instrumentos na área.

Neste sentido, foi desenvolvido o Teste de Compreensão Emocional (TCE), que avalia a faceta de compreensão emocional da IE e pode auxiliar no estudo mais aprofundado deste aspecto específico de IE. O instrumento é composto por 30 itens que avaliam a compreensão da transição e da mistura de emoções por meio de situações hipotéticas em que o avaliando deve identificar por que o personagem se sentiu de tal maneira ou o que irá sentir se a situação continuar. Um estudo inicial indicou que a consistência interna, medida pelo coeficiente de Kuder-Richardson, foi de 0,67. No entanto, a amostra era composta por participantes com nível de escolaridade superior (90%) e do estado de Pernambuco, sendo necessário diversificá-la para verificar a estabilidade dos resultados encontrados. Além disso, os autores apontam a necessidade de realizar outros estudos, com vistas ao acúmulo de evidências de

Evidências de validade para o teste de compreensão emocional

validade, como por exemplo a relação com outras variáveis (Oliveira & Bueno, 2013), demonstrando ser de qualidade para o uso em pesquisas e na prática.

Para ser considerada uma medida de IE, o TCE precisa se correlacionar em nível médio com outras medidas de inteligência, especialmente (e mais fortemente) com outras medidas de inteligência emocional (MacCann & Roberts, 2008), conforme encontrado na literatura previamente apresentada. Além disso, como exposto anteriormente, costuma-se observar diferenças de sexo em favor das mulheres. Por isso, esse aspecto também será verificado em relação ao TCE.

Com base na literatura previamente apresentada, espera-se que os resultados indiquem: que as mulheres apresentam maior desempenho do que os homens em Compreensão Emocional; que o Compreensão Emocional, sendo pressuposto para qualquer capacidade da inteligência, aumenta com a idade até a fase adulto jovem, por volta dos 40 anos, e diminui nas idades posteriores; que existe uma correlação positiva moderada com o PEP e correlação negativa fraca com a Escala de Dificuldades na Regulação Emocional (DERS), pois também avaliam aspectos da IE; e que há uma correlação positiva fraca com a inteligência fluida, já que Compreensão Emocional é uma capacidade da IE e pressupõe-se relação com a inteligência.

Método

Participantes

Participaram desta pesquisa 280 pessoas. A média de idade foi 28,75 anos (DP = 10,43) com mínimo de 18 e máximo de 67 anos, sendo que 81,40% possui idade até 37 anos. Foram 170 (60,7%) participantes do sexo feminino.

No que diz respeito à escolaridade, 1,4% relatou ter concluído o ensino fundamental, 21,8% concluiu o ensino médio, 53,6% cursou ou cursa o ensino superior e 18,9%, pós-graduação. Os participantes tenderam a se concentrar na Região Sudeste (50%), sendo que o estado de São Paulo apresentou maior proporção de respondentes (29,6%). Os únicos estados brasileiros que não tiveram respondentes foram Amapá, Roraima e Tocantins. A Tabela 1 explicita a distribuição por regiões, apresentando todos os estados em que houve coleta de dados.

Tabela 1. Quantidade de respondentes por Regiões do Brasil

Regiões	N	Porcentagem
Sudeste (ES, MG, RJ e SP)	140	50,0%
Sul (PR, RS e SC)	57	20,4%
Nordeste (AL, BA, CE, MA, PB, PE, PI, RN e SE)	54	19,3%
Centro-Oeste (DF, GO, MT e MS)	17	6,0%
Norte (AC, PA, RO)	12	4,3%

Instrumentos

Teste Compreensão Emocional

O TCE (Oliveira & Bueno, 2013) é composto por 30 questões relacionadas as emoções, com cinco alternativas cada uma e apenas uma resposta considerada correta. Está dividido em dois blocos: Bloco A, com 18 questões referentes à transição de emoções, e Bloco B, com 12 questões referentes à mistura de emoções.

Um estudo inicial realizado com amostra de Pernambuco analisou a adequação dos itens por meio da teoria de resposta ao item (TRI) e encontrou-se índices de dificuldade variando de -1,96 a 2,20. A consistência interna foi de 0,67, medida pelo coeficiente de Kuder-Richardson (Oliveira, 2013). Na presente pesquisa, foi usada a versão informatizada deste instrumento.

Um exemplo de item do Bloco A é "Maria acordou um pouco triste, porém, logo depois, aconteceu algo que a deixou surpresa. O que pode ter acontecido para que houvesse tal mudança?". Neste caso, o participante deveria escolher uma em cinco alternativas que, melhor representasse uma situação na qual Maria transitasse de triste para surpresa (por exemplo: a) Maria colocou ração para seu gato de estimação; b) Maria resolveu que não iria viajar naquele ano; c) Maria colocou seu CD favorito de músicas; d) Maria recordou de sua última viagem à Paris; e e) Maria ganhou um presente de seu patrônio). Um exemplo do Bloco B é "Como se fosse em uma prova de matemática, na sentença 'Amor = X+Y', o amor poderia ser entendido como resultante das emoções:", logo em seguida o respondente deveria observar as cinco alternativas e escolher a que mais representasse a mistura de emoções, que, somadas, representariam a emoção "Amor".

Teste informatizado de Percepção das Emoções Primárias

O PEP é composto por 38 vídeos de pessoas expressando emoções, sendo que os três primeiros são exemplos com instruções sobre como responder o teste. Os vídeos foram construídos a partir de filmagens de pessoas enquanto assistiam a apresentações de imagens e a cenas de filmes (Miguel & Primi, 2014b). Para cada item, deve-se clicar no botão que executa o vídeo com duração entre três e oito segundos. A execução de cada vídeo pode ser feita pelo participante quantas vezes forem necessárias.

O participante deve identificar e clicar em uma ou mais emoções que representem determinada expressão emocional e também assinalar se aquela expressão é autêntica ou falseada (Miguel & Primi, 2014a). Ao todo são oito expressões emocionais (alegria, amor, medo, surpresa, tristeza, nojo, raiva e curiosidade). Estudos demonstram a validade do PEP, com adequada precisão, estrutura interna e Rasch de 0,68 (Miguel & Primi, 2014a), relação moderada com outras medidas de inteligência (Miguel, et al., 2013) e baixa ou nula relação com traços de personalidade (Miguel, Finoto, & Miras, 2013).

Escala informatizada de Dificuldades na Regulação Emocional

A DERS possui 36 itens que avaliam seis fatores de desregulação emocional (Gratz & Roemer, 2004). A versão utilizada nesta pesquisa possui 16 itens (Bjureberg et al., 2015) que verificam cinco fatores de desregulação emocional: não aceitação de respostas emocionais; dificuldades em se engajar em comportamentos orientados para objetivos; dificuldades em impulsos de controle; restrição ao acesso a estratégias de regulação emocional; e falta de clareza emocional. A versão de 36 itens ainda avaliava o fator falta de conhecimento emocional, mas estudos de adaptação e validação no Brasil (Miguel, Giromini, Colombarolli, Zuanazzi, & Zennaro, 2017) comprovaram outras pesquisas que sugeriram a remoção daquele fator. A consistência interna do DERS no estudo de Miguel et al. (2017) foi de 0,94.

Os participantes da pesquisa devem avaliar a frequência com que cada item da escala se aplica a eles em uma escala Likert de 1 (Quase nunca, até 10%) a 5 (Quase sempre, acima de 90%). Após identificar qual item da escala é o mais coerente com a sua atual situação, com o auxílio do mouse, o respondente deve *clicar* sobre o item que considera correto e ir para a próxima questão/item.

Bateria de provas de raciocínio

A Bateria de Provas de Raciocínio (BPR-5) (Primi & Almeida, 2000) é composta de cinco cadernos e cinco folhas de respostas específicas para cada prova: Raciocínio

Espacial (Prova RE), Raciocínio Numérico (Prova RN), Raciocínio Mecânico (Prova RM), Raciocínio Verbal (RV) e Raciocínio Abstrato (RA). Contudo, neste estudo, somente foram utilizadas as versões informatizadas das provas RV e RA.

A prova RA está associada com a inteligência fluida (Gf) – capacidade de raciocinar em situações novas, compreendê-las e criar conceitos – e é composta por 25 itens, com figuras geométricas. Solicita-se que o respondente encontre a relação entre os dois primeiros termos e aplique ao terceiro, para se identificar a quarta figura entre as cinco alternativas de respostas. A prova RV também associa-se à Gf assim como à inteligência cristalizada (Gc), via extensão e amplitude do conhecimento verbal e a capacidade de utilizar conceitos aprendido anteriormente, e é composta por 25 itens, com grafemas. O respondente deve identificar a relação existente entre um primeiro par de palavras e aplicar à quarta palavra entre as cinco alternativas de respostas. Nesta pesquisa, foi utilizada a forma B, destinada para pessoas que já terminaram o ensino médio, pelo menos (Primi & Almeida, 2000).

Procedimentos

O banco de dados dessa pesquisa foi elaborado por meio das respostas de pessoas aos testes informatizados *online*, que foram alocados em um domínio específico para a pesquisa. Os respondentes tiveram acesso ao *software online* de diversas formas: convite dos pesquisadores, por meio do qual era feita a solicitação de resposta e disponibilizado um *link* para acessar os testes; contato entre respondentes, por meio de convite dos participantes iniciais à outras pessoas, o que era estimulado no convite inicial; e através de pesquisas na internet. As respostas foram obtidas de setembro de 2015 a junho de 2017.

Todos os testes utilizados nesta pesquisa foram respondidos *online*, seguindo as normas internacionais sobre a execução de pesquisas informatizadas em Psicologia (International Test Comission – ITC, 2005), como, por exemplo: aplicação controlada, na qual não há necessidade de supervisão humana, mas o testando deve criar um usuário e senha de acesso as pesquisas; e informação ao final do teste de que o desempenho pode ser afetado por contextos socioculturais e ecológicos das populações. O participante, por meio de um computador com teclado e mouse, acessava um *software online* que continha os instrumentos. Para isso, após ler e concordar com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido disponível no *software*, criava inicialmente, um usuário baseado em seu e-mail e com senha própria e posteriormente, acessava os testes informatizados.

Os testes dessa pesquisa dispuseram, no seu início, de explicações e recomendações de como deveriam ser respondidos, buscando garantir que o participante saberia responder aos testes, sem a necessidade de interação com outro ser humano. Após a explicação, os testes eram iniciados efetivamente e para respondê-los, era necessário clicar na alternativa certa e no botão próximo, que direcionava o participante para a próxima questão/ítem.

Por se tratar de testes informatizados *online*, o participante poderia responder aos testes de qualquer lugar que tivesse acesso à internet, necessitando apenas de um computador com teclado e mouse ou touchpad. Os resultados dos testes eram apresentados ao participante logo após a resposta aos instrumentos e todos os dados foram armazenados em um banco criptografado para consulta exclusiva dos pesquisadores.

Análise de dados

Os resultados foram analisados estatisticamente via *software* SPSS, versão 21.0. Para TCE, RV, RA e DERS, foram utilizadas as pontuações totais brutas de cada teste e gerados dois tipos de escores para o PEP: percepção (capacidade) e distorção (dificuldade) de acordo com o modelo de Rasch. A percepção diz respeito à capacidade de perceber as expressões emocionais nos rostos das pessoas e a distorção é um escore relativo a erros que a pessoa comete (por exemplo, atribuir raiva a uma expressão de alegria).

Foi analisado como a amostra se distribuía e o resultado apresentado indicou que a amostra da presente pesquisa era assimétrica em variáveis como: Idade, Escore do Teste de Compreensão Emocional e do Teste de Raciocínio Abstrato. Ou seja, os dados não apresentavam uma distribuição normal e por isso foram analisados de acordo com testes de estatística não paramétrica, considerando o nível de significância de 5% ($p = 0,05$). A relação entre os instrumentos foi verificada por meio da correlação de Spearman e foi considerada a seguinte interpretação para a análise dos coeficientes de correlação: a) de 0,00 a 0,19 sem relação ou relação não considerável¹; b) 0,20 a 0,29 relação fraca; c) 0,30 a 0,39 relação moderada; d) 0,40 a 0,69 relação forte; e e) 0,70 a 1,00 relação muito forte (Duffy, Mclean, & Monshipouri, 2011). Para verificar a diferença de média no desempenho do TCE entre sexo foi utilizado o Teste U de Mann-Whitney e entre as faixas etárias o teste Kruskal-Wallis, o tamanho do efeito foi interpretado conforme Fritz, Morris e Rischler (2012) e Lenhard e Lenhard (2016), sendo: a) de 0,00 a 0,19 nenhum efeito; b) de 0,20 a 0,49 efeito pequeno; c) de 0,50 a 0,79 efeito moderado; e d) de 0,80 a 1,00 efeito forte (Cohen, 1988).

Resultados

Inicialmente foi realizada análise estatística descritiva dos resultados obtidos por meio do TCE, PEP, RA, RV e DERS. A média de pontuação dos participantes no TCE esteve acima da média da amostra normativa do teste, sendo 25,66 pontos ($DP = 2,82$). Essa pontuação acima da média da amostra normativa também foi encontrada nos testes RA e RV. Dessa forma, os participantes acertaram em média, 85,55% do TCE, 78,2% do RA e 75,55% do RV. No caso do PEP, os escores são calculados por meio de Rasch e transformados em escore-z, portanto, percebe-se que, no caso da capacidade de percepção emocional, os participantes tiveram 0,25 desvio-padrão acima da expectativa normativa, enquanto atingiram em média 0,08 desvio-padrão acima da expectativa normativa em relação às distorções. Assim sendo, a amostra desta pesquisa se aproximou da norma, com desvios-padrão próximos de 1, o que indica variabilidade dos escores no PEP semelhantes às normas brasileiras. Os testes de IE apresentaram precisão de 0,59 e 0,65, para o TCE e o PEP, respectivamente. Para o RV a precisão foi de 0,60, no RA de 0,76 e no DERS de 0,91. Os demais resultados serão apresentados para cada uma das hipóteses propostas no trabalho. Assim, a primeira hipótese sugere que as mulheres apresentariam maior desempenho do que os homens em Compreensão Emocional; a segunda que a Compreensão Emocional aumentaria em idades mais jovens, até a fase adulta, e diminuiria nas demais faixas etárias; a terceira que existiria uma correlação positiva moderada com a PEP e correlação negativa fraca com a DERS; e a quarta que haveria uma correlação positiva fraca com a inteligência fluida.

¹ A expressão em inglês é “*not related or neglected relationship*” e foi traduzida no Brasil para “sem relação ou relação desprezível”. Contudo, neste trabalho foi realizada uma tradução livre e o termo “sem relação ao relação não considerável” foi escolhido.

Foram investigadas as pontuações do TCE entre mulheres e homens (primeira hipótese). Como os dados eram assimétricos, o teste estatístico apropriado para esta análise foi o Mann-Whitney. As estatísticas descritivas mostraram que as participantes do sexo feminino atingiram notas mais altas do que os participantes do sexo masculino. O U de Mann-Whitney foi 7867,00 ($Z = -2,26$) com valor p de 0,02, mostrando que o desempenho de homens e mulheres para essa amostra foi significativamente diferente, contudo, o tamanho do efeito foi pequeno ($d = 0,27$).

Posteriormente, foram verificadas as pontuações de TCE entre faixas etárias (segunda hipótese). As diferenças de grupos entre faixas etárias em escores de TCE foram consideradas com o uso do teste Kruskal-Wallis, pois as condições paramétricas não foram satisfeitas. Os resultados indicaram que as pontuações não parecem ter uma diminuição constante, por exemplo, na faixa etária de 30 a 39 anos, na qual o resultado é maior que o desempenho na faixa de 25 a 29 anos e depois aumenta novamente na faixa etária acima de 50 anos em comparação a faixa anterior. Os resultados indicam que não houve diferenças significativas entre os grupos ($p = 0,87$), apesar do tamanho do efeito ser pequeno ($d = 0,24$). Também foram analisados os escores para as faixas etárias por grupos de sexo e escolaridade, a fim de verificar se existia alguma influência desses dados sociodemográficos, mas também não foi encontrada diferença de média significativa.

Para analisar a terceira e quarta hipótese, ou seja, se existiria relação positiva entre os resultados do TCE com os do PEP, DERS, RA e RV, foi realizada uma análise de correlação de Spearman. A Tabela 2 apresenta os dados da relação entre os construtos.

Tabela 2. Valores do coeficiente de correlação de Spearman entre os escores TCE e PEP (percepção e distorção), DERS, RA e RV

	TCE	
	Rho	p
PEP (percepção)	0,161**	0,01
PEP (distorção)	-0,101	0,09
DERS	-0,019	0,78
RA	0,223**	<0,01
RV	0,333**	<0,01

** $p \leq 0,05$, $N = 280$

Era esperado que houvesse uma correlação positiva moderada entre TCE e o teste de Percepção das Emoções Primárias (percepção), pois ambos avaliam facetas da IE. Contudo, mesmo o valor p indicando significância ($p = 0,01$), a relação foi não considerável ($Rho = 0,161$) entre TCE e PEP no escore de percepção emocional. Uma correlação negativa fraca era esperada ao relacionar os testes TCE e DERS, pois avalia a dificuldade em regular as emoções, contudo nenhuma correlação significativa foi encontrada relacionando as duas variáveis ($p = 0,78$). Os testes relacionados a inteligência fluida (RA e RV), apresentaram correlação significativa positiva moderada para RV e fraca para RA em relação ao TCE, o que era esperado, em partes.

Esses resultados sugerem que o TCE e os testes PEP, RA e RV podem estar avaliando construtos relacionados, não se tratando de testes semelhantes, o que teria sido acusado com índices de correlação elevados, mas também não se tratando de construtos divergentes ou não relacionados, dada a magnitude considerável dos índices.

Discussão

O principal objetivo desta pesquisa foi buscar evidências de validade relacionadas a outras variáveis para o TCE. As variáveis que foram relacionadas se referiam a: PEP, DERS, RA e RV, sexo e idade. Esperava-se encontrar resultados indicando: que as mulheres apresentassem melhor desempenho do que os homens em Compreensão Emocional; que houvesse um aumento no desempenho desse construto nas idades mais jovens, até a fase adulto jovem e diminuição nas demais faixas etárias; correlação positiva moderada com o PEP e correlação negativa fraca com a DERS; e correlação positiva fraca com inteligência fluida.

A hipótese sobre os diferentes desempenhos para os sexos masculino e feminino foi confirmada, pois as mulheres apresentaram maior desempenho médio que os homens, resultado também encontrado na literatura científica (Bueno et al., 2006; Perdomo et al., 2011). Observou-se que a variável idade, nesse estudo, não está significativa relacionada ao desempenho no TCE, pois não houve diferenças significativas entre os grupos e o aumento da idade não representou uma diminuição constante dos escores médios dos respondentes, resultado diferente do encontrado em algumas literaturas, principalmente entre as faixas relacionadas a infância, adolescência e adultos jovens (Gonzaga & Monteiro, 2011; Moreira et al., 2012; Oliveira et al., 2015), mas similar ao encontrado no estudo de Atkins e Stough (2005), realizado com 356 pessoas, que responderam ao MSCEIT, no qual não houve efeitos significativos de idade para a população composta por pessoas de 18 a 78 anos. Uma possível explicação para esse resultado foi o fato de os participantes desta pesquisa possuírem 18 anos ou mais. Nas pesquisas recuperadas, percebe-se aumento do nível de inteligência emocional desde a infância até adolescência, tendendo a estabilizar por volta dos 20 anos, idade muito próxima dos participantes deste estudo. Portanto, é possível que o desenvolvimento desta capacidade, representado pelo incremento ao longo dos anos mais jovens, não tenha sido identificado nesta pesquisa devido à idade mais alta dos participantes.

Por outro lado, tradicionalmente é encontrado declínio nos níveis médios de IE ao longo das idades mais altas, o que também não foi encontrado nesta pesquisa. Esse declínio pode ser interpretado não como perda da capacidade ao longo dos anos, mas como reflexo de diferentes gerações, ou seja, a IE tenderia a se estabilizar por volta dos 20 anos e permanecer no mesmo nível ao longo da vida, sendo que o declínio apontado nas pesquisas seria reflexo de gerações mais antigas terem desenvolvido menos a inteligência emocional do que gerações mais recentes. A influência das condições socioculturais e geracionais na compreensão das emoções ao longo da vida também é encontrada em algumas literaturas (Atkins & Stough, 2005; Labouvie-Vief, DeVoe, & Bulka, 1989).

Os resultados desta pesquisa sugerem que não houve muitas diferenças entre as gerações, ou seja, pessoas de maior idade apresentaram desempenho semelhante a pessoas de menor idade. Uma provável explicação para isso é que, como foi exposto, os participantes tenderam a apresentar desempenho melhor do que as expectativas normativas. Nesse sentido, é provável que as pessoas de maior idade tenham elevado desempenho em IE mesmo em suas idades mais jovens. A realização de outras investigações poderia ajudar na compreensão do desempenho da IE entre as faixas etárias, e na verificação do impacto que essa diferença pode exercer no dia a dia.

Os resultados apontam correlações fracas e moderadas entre TCE e as provas RA e RV, respectivamente, o que era parcialmente esperado. Esse resultado está em conformidade com alguns achados da literatura que apresentaram magnitudes de correlação entre a compreensão emocional e os testes de RA e RV variando de 0,15 a 0,31 (Cobêro et al., 2006; Jesus Jr. & Noronha, 2007), além disso, pesquisas que correlacionam facetas específicas ou o escore total de IE com medi-

das de inteligência fluida tem encontrado magnitudes entre 0,25 a 0,43 (Bueno & Primi, 2003; Cursi et al., 2013; Di Fabio & Saklofske, 2014; Gil-Olarte et al., 2006). Dessa forma, os resultados demonstram evidência de validade para o TCE, ou seja, a capacidade de Compreensão Emocional, que estaria relacionada, mas distinta, da inteligência fluida.

Uma correlação positiva foi observada entre o desempenho no TCE e o de PEP, apesar de o coeficiente de correlação apresentar relação não considerável. Isso pode ter ocorrido, pois, embora os testes tenham por objetivo avaliar facetas da IE, a resposta ao TCE é mais abstrata e complexa do que ao PEP, uma vez que no TCE o respondente deve raciocinar sobre uma situação apresentada de forma escrita (verbal), enquanto o PEP apresenta vídeos com uma situação já expressa e os participantes devem escolher a emoção, ou seja, não é necessário imaginar o contexto nem utilizar habilidades verbais muito elaboradas para responder ao teste. Sendo assim, em TCE, o acesso às emoções é mais complexo do que no PEP, no qual as emoções já são apresentadas por intermédio das filmagens. Nesse mesmo sentido, o modelo de IE (Mayer et al., 2016) pressupõe que a percepção emocional se encontra dentro de uma área mais reativa e básica, chamada área experiencial, enquanto a compreensão emocional se encontra dentro de uma área mais cognitiva, chamada área estratégica. Assim, um nível de correlação menor seria esperado.

A correlação próxima do nulo entre TCE e os escore de distorções do PEP era esperada. Pesquisas anteriores (Miguel & Pessotto, 2016) mostraram que as distorções estão relacionadas a aspectos de personalidade e não aos aspectos cognitivos. Dessa maneira, como o TCE avalia um aspecto da IE como uma capacidade mental, esperava-se correlações com medidas de raciocínio e não de personalidade, como é o caso das distorções.

No que diz respeito à relação entre TCE e a DERS, a correlação foi negativa e bem próxima do nulo. Apesar da fraca magnitude de correlação entre os testes, o resultado é condizente na sua direção, ou seja, um bom desempenho em TCE é observado por pontuações altas, diferentemente do DERS, no qual a pontuação baixa é que sugere bom desempenho em regulação emocional, pois quanto maior o escore no DERS, mais dificuldade a pessoa tende a apresentar para regular a emoção.

Na presente amostra, ao se proceder a análise dos desempenhos no TCE, verificou-se que a média (25,66) foi próxima da pontuação máxima (30) de acertos e acima da média da amostra normativa dos testes. Dessa forma, pode ser que o teste necessite de itens com maior complexidade para conseguir avaliar melhor as pessoas com alta habilidade e distinguir os sujeitos com baixa, média e alta habilidade, ou outra hipótese é que a maioria dos respondentes dessa amostra apresenta a habilidade de Compreensão Emocional muito bem desenvolvida. Realizando uma análise pela TRI, Santana, Guimarães e Bueno (2013) encontraram resultados semelhantes ao do presente estudo, com isso, argumentaram que a literatura científica tem indicado para uma certa dificuldade na elaboração de itens difíceis que avaliem a IE. Com base nisso, como o TCE apresentou consistência interna e ajustamento de índices de *infit* e *outfit* satisfatórios, o instrumento foi recomendado para utilização em pesquisas (Santana et al., 2013). Os resultados médios para inteligência fluida também foram acima da média da amostra normativa.

Considerações finais

Por meio deste trabalho foram encontradas evidências de validade positivas para o TCE para as variáveis: sexo, na qual as mulheres tiveram melhores resultados significativos que os homens; inteligência fluida, apresentando correlações positivas fracas

e moderadas; percepção das emoções, por meio da correlação positiva; percepção distorcida das emoções e desregulação emocional, com correlações negativas e bem próximas do nulo. Já para a variável idade, não houve diferenças significativas entre as faixas etárias e o TCE.

Este estudo contribuiu para um melhor entendimento das características sociodemográficas e emocionais associadas à IE ao abordar variáveis de sexo, idade, percepção, distorção e desregulação emocional em relação à Compreensão Emocional, ao apontar caminhos para novas estudos, além de fornecer informações para a prática do profissional psicólogo, como o grau de compreensão emocional da pessoa em terapia. A construção de instrumentos como o TCE e a pesquisas que verifiquem a sua qualidade psicométrica são fundamentais para dar maior veracidade científica à IE, além de no futuro poder ser utilizado para intervenções em pesquisas e também terapêuticas.

A amostra estudada, embora abrangesse todas as regiões do Brasil, era composta em sua maioria de pessoas com ensino superior, em andamento ou concluído. Desta forma, sugere-se que novas pesquisas sejam realizadas a fim de estudar a relação entre os construtos avaliados pelos testes em amostras com características mais variadas. Além disso, não houve normalidade dos dados encontrados na pesquisa, sendo importante novos estudos com amostras e dados paramétricos.

Referências

- Atkins, P., & Stough, C. (2005). Does emotional intelligence change with age? *Society for Research in Adult Development Annual Conference*, Atlanta, GA, United States.
- Bjureberg, J., Ljotsson, B., Tull, M. T., Hedman, E., Sahlin, H., Lundh, L. G. et al. (2015). Development and validation of a brief version of the difficulties in emotion regulation scale: The DERS-16. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 38(2), 284-296. <https://doi.org/10.1007/s10862-015-9514-x>
- Brackett, M. A., & Mayer, J. D. (2003). Convergent, discriminant and incremental validity of competing measures of emotional intelligence. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 29(9), 1147-1158. <https://doi.org/10.1177/0146167203254596>
- Brackett, M. A., Rivers, S. E., & Shifman, S. (2006). Relating emotional abilities to social functioning: A comparison of self-report and performance measures of emotional intelligence. *Journal of Personality and Social Psychology*, 91(4), 780-795. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.91.4.780>.
- Bar-On, R. (1997). *The Bar-On emotional quotient inventory (EQ-I): Technical manual*. Toronto: Multi-Health Systems.
- Bueno, J. M. H. (2008). *Construção de um instrumento para avaliação da inteligência emocional nas crianças* (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade São Francisco, Itatiba, SP, Brasil.
- Bueno, J. M. H., & Primi, R. (2003). Inteligência emocional: Um estudo de validade sobre a capacidade de perceber emoções. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 16(2), 279-291. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722003000200008>
- Bueno, J. M. H., Santana, P. R., Zerbini, J., & Ramalho, T. B. (2006). Inteligência emocional em estudantes universitários. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22(3), 305-316. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722006000300007>

Evidências de validade para o teste de compreensão emocional

- Caruso, D. R., Mayer, J. D., & Salovey, P. (2002). Relation of an ability measure of emotional intelligence to personality. *Journal of Personality Assessment*, 79(2), 306-320. https://doi.org/10.1207/S15327752JPA7902_12
- Cobêro, C., Primi, R., & Muniz, M. (2006). Inteligência emocional e desempenho no trabalho: Um estudo com MSCEIT, BPR-5 E 16PF. *Paidéia*, 16(35), 337-348. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2006000300005>
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2a ed.). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Curci, A., Lanciano, T., Soleti, E., Zammuner, V. L., & Salovey, P. (2013). Construct validity of the italian version of the Mayer-Salovey-Caruso emotional intelligence test (MSCEIT) v2.0. *Journal of Personality Assessment*, 95(5), 486-494. <https://doi.org/10.1080/00223891.2013.778272>
- Dantas, M. A., & Noronha, A. P. P. (2006). Inteligência emocional: Validade discriminante entre MSCEIT e 16 PF. *Paidéia*, 16(33), 59-70. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2006000100009>
- Di Fabio, A., & Saklofske, D. H. (2014). Comparing ability and self-report trait emotional intelligence, fluid intelligence, and personality traits in career decision. *Personality and Individual Differences*, 64, 174-178. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2014.02.024>
- Duffy, S. P., McLean, S. L., & Monshipouri, M. (2011). *Pearson's r correlation*. Recuperado de <http://faculty.quinnipiac.edu/libarts/polsci/Statistics.html>
- Gil-Olarde, P. M., Palomera, R. M., & Brackett, M. A. (2006). Relating emotional intelligence to social competences, and academic achievement among high school students. *Psicothema*, 18(Suppl.), 118-23.
- Goleman, D. (1995). *Inteligência emocional: A teoria revolucionaria que redefine o que é ser inteligente*. (M. Santarrita, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Objetiva.
- Gonzaga, A. R., & Monteiro, J. K. (2011). Inteligência emocional e qualidade de vida em gestores brasileiros. *Avaliação Psicológica*, 10(2), 117-127.
- Gratz, K. L., & Roemer, L. (2004). Multidimensional assessment of emotion regulation and dysregulation: Development, factor structure, and initial validation of the difficulties in emotion regulation scale. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 26(1), 41-54. <https://doi.org/10.1007/s10862-008-9102-4>
- Fritz, C. O., Morris, P. E., & Richler, J. J. (2012). Effect size estimates: Current use, calculations, and interpretation. *Journal of Experimental Psychology: General*, 141(1), 2-18. <https://doi.org/10.1037/a0024338>
- International Test Comission – ITC. (2005). *International guidelines on computer-based and internet delivered testing*. Granada: o autor.
- Jesus Jr., A. G., & Noronha, A. P. P. (2007). Inteligência emocional e provas de raciocínio: Um estudo correlacional. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(3), 480-489. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722007000300016>
- Labouvie-Vief, G., DeVoe, M., & Bulka, D. (1989). Speaking about feelings: Conceptions of emotion across the life span. *Psychology & Aging*, 4(4), 425-437. <https://doi.org/10.1037/0882-7974.4.4.425>

- Lenhard, W., & Lenhard, A. (2016). *Calculation of effect sizes*. Dettelbach: Psychometrica. Recuperado de https://www.psychometrica.de/effect_size.html
- MacCann, C., & Roberts, R. D. (2008). New paradigms for assessing emotional intelligence: Theory and data. *Emotion*, 8(4), 540–551. <https://doi.org/10.1037/a0012746>
- MacCann, C., Joseph, D. L., Newman, D. A., & Roberts, R. D. (2014). Emotional intelligence is a second-stratum factor of intelligence: Evidence from hierarchical and bifactor models. *Emotion*, 14(2), 358-374. <https://doi.org/10.1037/a0034755>.
- Mayer, J. D., & Salovey, P. (1997). What is emotional intelligence? In P. Salovey & D. J. Sluyter (Orgs.), *Emotional development and emotional intelligence: Educational implications* (pp. 3-34). New York, NY: Harper Collins.
- Mayer, J. D., Salovey, P., & Caruso, D. R. (2002). *Mayer-Salovey-Caruso emotional intelligence test (MSCEIT): User's manual*. New York, NY: Multi-Health Systems.
- Mayer, J. D., Salovey, P., & Caruso, D. R. (2008). Emotional intelligence: New ability or eclectic traits? *American Psychologist*, 63(6), 503–517. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.63.6.503>
- Mayer, J. D., Caruso, D. R., & Salovey, P. (2016). The ability model of emotional intelligence: Principles and updates. *Emotion Review*, 8(4), 290–300. <https://doi.org/10.1177/1754073916639667>
- Miguel, F. K., Finoto, B. A. S., & Miras, B. D. (2013). Percepção emocional e traços de personalidade: Estudo de validade divergente. *Encontro: Revista de Psicologia*, 16(24), 107–120.
- Miguel, F. K., Giromini, L., Colombaroli, M. S., Zuanazzi, A. C., & Zennaro, A. (2017). A brazilian investigation of the 36- and 16-item difficulties in emotion regulation scales. *Journal of Clinical Psychology*, 73(9), 1146–1159. <https://doi.org/10.1002/jclp.22404>
- Miguel, F. K., Ogaki, H. A., Inaba, C. M., & Ribeiro, D. O. (2013). Percepção emocional e inteligência: Contribuições para o modelo CHC. *Revista Sul Americana de Psicologia*, 1(1), 36-47.
- Miguel, F. K., & Pessotto, F. (2016). Projective aspects on cognitive performance: Distortions in emotional perception correlate with personality. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 29(1), 36-47. <https://doi.org/10.1186/s41155-016-0036-6>.
- Miguel, F. K., & Primi, R. (2014a). Estudo psicométrico do teste informatizado de percepção de emoções primárias. *Avaliação Psicológica*, 13(1), 1-9.
- Miguel, F. K., & Primi, R. (2014b). Criação de vídeos de expressões emocionais por meio de estímulos multimídia. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 16(1), 155-168. <https://doi.org/10.15348/1980-6906/psicologia.v16n1p155-168>
- Moreira, P. L., Abreu, E. L., & Rique Neto, J. (2012). Influência da idade e do contexto socioeducacional na compreensão emocional de crianças. *Estudos de Psicologia*, 29(Suppl.), 761-767. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2012000500012>
- Muniz, M., & Primi, R. (2008). Inteligência emocional e personalidade avaliada pelo método de rorschach. *Psico*, 39(1), 48-57.

Evidências de validade para o teste de compreensão emocional

- Noronha, A. P. P., Barros, M. V. C., & Nunes, M. F. O. (2009). Correlações entre interesses profissionais e inteligência em adolescentes. *Psicologia: teoria e prática*, 11(2), 114-128.
- O'Connor Jr., R. M., & Little, I. S. (2003). Revisiting the predictive validity of emotional intelligence: Self-report versus ability-based measures. *Personality and Individual Differences*, 35(8), 1893-1902. [https://doi.org/10.1016/S0191-8869\(03\)00038-2](https://doi.org/10.1016/S0191-8869(03)00038-2)
- Oliveira, A. E. N. A. (2013). *A compreensão emocional: Construção e validação de um instrumento* (Relatório final). Recife, PE: Universidade Federal de Pernambuco. Recuperado de psicologi.co/Arquivos/2013TCE.pdf
- Oliveira, A. E. N. A., & Bueno, J. M. H. (2013). Construção e avaliação das propriedades psicométricas de um instrumento para avaliação do conhecimento emocional. *Congresso Brasileiro de Avaliação Psicológica*, Maceió, AL, Brasil, 6. Recuperado de http://www.ibapnet.org.br/congresso2013/lista_trabalhos_poster.php
- Oliveira, T. V. S., Huss, E. Y., Zuanazzi, A. C., & Miguel, F. K. (2015). Comparação dos níveis de percepção emocional em diferentes faixas etárias. *Anais do Congresso Brasileiro de Avaliação Psicológica*. São Paulo, SP, Brasil, 7.
- Perdomo, D. M. C., Pérez-Olmos, I., & Pinilla, M. I. (2011). Inteligencia emocional en adolescentes de dos colegios de Bogotá. *Revista Colombiana e Psiquiatria*, 40(1), 49-64.
- Petrides, K. V., Furnham, A., & Martin, G. N. (2004). Estimates of emotional and psychometric intelligence: Evidence for gender-based stereotypes. *Journal of Social Psychology*, 144(2), 149-162. <https://doi.org/10.3200/SOCP.144.2.149-162>
- Primi, R., & Almeida, L. S. (2000). *BPR-5 bateria de provas de raciocínio: Manual técnico*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Primi, R., Bueno, J. M. H., & Muniz, M. (2006). Inteligência emocional: Validade convergente e discriminante do MSCEIT com a BPR-5 e o 16PF. *Psicologia Ciência e Profissão*, 26(1), 26-45. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932006000100004>
- Rivers, S. E., Brackett, M. A., & Salovey, P. (2008). Measuring emotional intelligence as a mental ability in adults and children. In G. J. Boyle, G. Matthews, & D. H. Saklofske (Orgs.), *The Sage handbook of personality theory and assessment: Vol. 2, personality measurement and testing* (pp. 440-460). Los Angeles, CA: Sage.
- Roberts, R. D., Flores-Mendonza, C. E., & Nascimento, E. (2002). Inteligência emocional: Um construto científico? *Paidéia*, 12(23), 77-92. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2002000200006>
- Roberts, R. D., Zeidner, M., & Matthews, G. (2001). Does emotional intelligence meet traditional standards for an intelligence? Some new data and conclusions. *Emotions*, 1(3), 196-231. <https://doi.org/10.1037/1528-3542.1.3.196>
- Salovey, P., & Mayer, J. D. (1990). Emotional intelligence. *Imagination, Cognition and Personality*, 9(3), 185-211. <https://doi.org/10.2190/DUGG-P24E-52WK-6CDG>
- Salovey, P., Mayer, J. D., Goldman, S. L., Turvey, C., & Palfai, T. P. (1995). Emotional attention, clarity, and repair: Exploring emotional intelligence using the trait meta-mood scale. In J. W. Pennebaker (Org.), *Emotion, disclosure and health* (pp. 125-154). Washington, DC: American Psychological Association.

Salovey, P., Kokkonen, M., Lopes, P. N., & Mayer, J. D. (2004). Emotional intelligence: What do we know? In A. S. R. Manstead, N. H. Frijda, & A. H. Fischer (Orgs.), *Feelings and emotions: The Amsterdam symposium* (pp. 319-338). Cambridge: Cambridge University.

Schutte, N. S., Malouff, J. M., Hall, L. E., Haggerty, D. J., Cooper, J. T., Golden, C. J. et al. (1998). Development and validation of a measure of emotional intelligence. *Personality and Individual Differences*, 25(2), 167-177. [https://doi.org/10.1016/S0081-8869\(98\)00001-4](https://doi.org/10.1016/S0081-8869(98)00001-4)

Siqueira, M. M. M., Barbosa, N. C., & Alves, M. T. (1999). Construção e validação fatorial de uma medida de inteligência emocional. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 15(2), 143-152. <https://doi.org/10.1590/S0102-37721999000200007>

Woyciekoski, C., & Hutz, C. S. (2009). Inteligência emocional: Teoria, pesquisa, medida, aplicações e controvérsias. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(1), 1-11. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722009000100002>

Submetido em: 10/07/2018

Revisto em: 12/01/2019

Aceito em: 23/03/2019

Endereços para correspondência:

Isaías Peixoto
isaiaspeixotodsn@gmail.com

Monalisa Muniz
monamuniz@gmail.com

Fabiano Koich Miguel
fabiano@avalpsi.com.br

José Maurício Haas Bueno
mauricio.ufpe@gmail.com

I. Doutorando. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). São Carlos. Estado de São Paulo. Brasil.

II. Docente. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). São Carlos. Estado de São Paulo. Brasil.

III. Docente. Universidade Estadual de Londrina (UEL). Londrina. Estado do Paraná. Brasil.

IV. Docente. Universidade Federal de Pernambuco. Recife. Estado de Pernambuco. Brasil.